

# Impressões de um Profmat

Pedro Esteves

Das impressões dispersas que tenho de Viseu 92 — foi o meu primeiro PROFMAT — gostaria de destacar ou estruturar algumas.

a) A importância, na nossa associação, do imaginário colectivo e da fantasia: “o sonho é uma constante da vida”.

b) A Escola onde se realizou o Encontro, que me lembrou aquela onde estudei, inclusive devido às velhas carteiras de madeira que ainda possui.

c) Os enormes corredores, com todas as portas abertas, convidando à entrada nas salas cheias de computadores ou de materiais em exposição, na oficina, na venda de publicações (da APM, da SPM, do IIE, dos Núcleos - e também das editoras).

d) Os quiosques, nas esquinas de alguns corredores, e os cartazes, por todo o lado.

e) Lá muito ao fundo, após várias curvas e contracurvas, a sala da organização do PROFMAT, aonde não se pretendia resolver problemas - mas preveni-los.

f) O ginásio, de paredes altas encimadas por janelas por onde entrava, pletórica, a luz.

g) As Sessões Plenárias, de ginásio sempre cheio, onde se relacionaram modelos matemáticos e realidade, se abordou a perspectiva etnomatemática, se deu a volta à resolução de problemas e se interligou matemática, língua materna e filosofia.

h) Os temas mais abordados, numa grande diversidade de sessões, e que revelaram por certo a predominância de pesquisas dos investigadores e/ou de preocupações dos professores: a modelação matemática, a estatística, as calculadoras gráficas, a Reforma.

i) As várias reflexões, testemunhos e debates sobre os novos programas, que

infelizmente não foram acompanhados por suficientes intervenções acerca do novo sistema de avaliação (talvez porque este não foi experimentado com os programas).

j) A primeira publicação APM para o 1º ciclo e uma nova revista consagrada à investigação em educação matemática.

l) O aparecimento da história da matemática como tema em ascensão (provavelmente com grande relevância no próximo PROFMAT), expresso quer nas exposições quer nas sessões.

m) E, claro, a permanência de temas já consagrados em anos anteriores: os materiais manipuláveis, os jogos, os problemas, os computadores, a geometria, a exploração dos números e das funções, a formação de professores,...

n) A impossibilidade de se ver tudo, de se participar sem interrupção em sessões não sobrepostas.

o) A simétrica insatisfação de todos os dinamizadores, que apenas tiveram tempo para esboçar algumas ideias, para mostrar alguns materiais, para lançar um pouco de discussão...

p) A apresentação do último número da “Educação e Matemática” na cave da Escola, ampla como uma cervejaria de Munique, com a Redacção, de avental, distribuindo castanhas e água-pé por entre a maior concentração (por metro quadrado) de todo o PROFMAT em gente, conversa e fumo.

q) A primeira corrida realizada durante um PROFMAT, na extensão de um vigésimo de Maratona, com o ar fresco a bater na cara, o pensamento acelerado para decidir estratégias de sobrevivência (fiquei, com o Zé Paulo, nos honrosos dois últimos lugares, fora os desistentes que nunca são mencionados).

r) O trabalho paralelo de organização do futuro (reuniões da Direcção, da for-

mação contínua, do próximo PROFMAT,...) que preencheu tempos que poderiam ser de descanso mas que foram extremamente aliciantes para quem neles investiu desta maneira.

s) O isolamento (dramático?) em que está cada impulsor de uma iniciativa (conferência exposição sessão, a própria organização), porque nela reflecte uma experiência e uma vontade cuja partilha, no momento, só pode ser ténue (terão entendido? terão gostado? terão aceite?).

t) A angústia de todo o participante em qualquer iniciativa, porque dela quer captar algo para a sua acção e se vê, no fim, confrontado com um longo e difícil caminho a percorrer (quando, muitas vezes, os meios necessários ultrapassam em muito os que adquiriu na altura).

u) A presença de tão pouca gente na Assembleia Geral da APM e o número reduzido de intervenções exteriores aos “habituais”.

v) Um certo peso da “moda” a determinar os temas principais, com a correlativa pouca discussão das metodologias no seu todo (o quê será melhor quando?).

x) A excessiva origem bibliográfica de muitas das iniciativas, parecendo que ainda há quem prefira as garantias dadas pelo que nos chega do estrangeiro do que as garantias dadas pelas nossas cabeças e pela nossa experiência.

z) O desequilíbrio associativo interno à APM, na qual já existe um grupo de trabalho dos “investigadores”, outro está a nascer para a “formação contínua” — mas não existe para os “inovadores”, isto é, para aqueles que constituem a base de todo o sistema educativo.

Pedro Esteves  
Esc. Sec do Seixal